

**CORPO GEOGRÁFICO NA CONTEMPORANEIDADE:  
REFLEXÕES SOBRE COMUNICAÇÃO DO CORPO E DANÇA AFRO  
PERUANA**

**Joana Claudia Prieto Fernandez<sup>1</sup>**

**Resumo**

O tema deste trabalho tem como intuito tecer reflexões sobre comunicação, corpo e dança mediante a geografia. Com isso, pensar acerca das interferências do corpo vinculadas às características da movimentação e sua transitoriedade constante que resvala para a dança afro peruana, *el festejo*. Assim, o objeto de estudo está no corpo cotidiano, na dança do habitante do Estado de Ica-Peru e, imbrica com a geografia física/humana desse local na época dos escravos em contraste com a contemporaneidade. Portanto, a metodologia foca a observação, a descrição e a discussão e, considera alguns aspectos econômicos, políticos, identitários e socioculturais.

**Palavras-chave:** Comunicação. Corpo. Geografia. Dança Afro Peruana. *El Festejo*.

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura-nível Mestrado, Universidade Sorocaba-Uniso.  
Email: joana.fernandez@terra.com.br.

## 1. Introdução

A temática deste trabalho dialoga sobre reflexões que abrangem a comunicabilidade do corpo mediante à geografia e suas intervenções na corporeidade do sujeito na dança.

O objetivo do estudo visa perceber aspectos da geografia física e humana como interventores na movimentação cotidiana e na arte da dança. Especificamente, o corpo negro localizado na cidade de Ica, no país dos incas, Peru e, na dança afro peruana, *el festejo*.

Primeiramente, iniciaram-se as inquietações para a pesquisa ao atentar para o movimento dos pés. Os dedos em movimento, a velocidade da caminhada e, a intensidade do pisar faz parte do corpo em comunicação direta com o solo. A superfície terrestre que apresenta vastas variações com seus relevos, depressões, planícies e outras texturas que esses espaços oferecem aos que caminham sobre essas características do espaço físico, aguçou a observação, enquanto a imensa diversidade de territórios e movimentações corporais afetadas pela geografia física, causadora da motivação para o estudo em andamento.

O segundo estímulo provém das fronteiras midiáticas/ da corporeidade da pesquisadora a causa do hibridismo cultural, pelos genes engendrados em solo peruano e, nascimento e criação em território brasileiro, porém no espaço da casa absorveu parte da cultura peruana.

Em terceiro, esta em um fato ocorrido com a investigadora no Peru. Presenciado por volta dos anos 2003 a 2005 anos de morada em solo peruano. E, ao participar no evento de danças folclóricas da escola *Mixto La Molina*, onde uma das coreografias havia uma encenação de um homem negro escravo que estava preso por cordas e, era libertado e logo dançava sua liberdade. Absolutamente nenhum dos moços das tantas salas do ensino médio, manifestou interesse de participar na cena, muito pelo contrário ouviram-se murmurinhos de que não fariam o papel para a dança por ser de um escravo negro.

Em quarto, o contraponto com a cena a cima descrita. Pela notória quantidade de alunos que queriam dançar *el festejo* peruano mesmo pela origem afrodescendente. Assim, se deu as motivações para a pesquisa, pelo berço dessa dança folclórica com sua

geografia física/humana e, história do cotidiano dessa comunidade Iqueña<sup>2</sup> e, suas interferências na expressividade dessa arte do corpo. Além de toda a vivência como artista da dança.

Para tanto, em âmbito metodológico, realizou-se pesquisa bibliográfica a procura de livros e artigos para respaldar e aprofundar no tema proposto. Estes foram relacionados a estudos: da comunicação, do corpo, da geografia, da dança, da filosofia, da história de Ica-Peru e, dança folclórica do Peru. Também, buscou-se vídeos *del festejo* peruano para percepção dos movimentos. Realizou-se, esse levantamento bibliográfico para observar por meio da leitura, descrever o observado e, tecer uma conversa das reflexões obtidas ao entrelaçar esses eixos temáticos presente em gestos ampliados para a dança que se torna cultura de uma comunidade, resignificada pelas andanças do ser humano no espaço. Como a pesquisa esta em andamento muitos dados geográficos, históricos e dança serão apurados em pesquisa de campo no começo do ano de 2016.

## **2. Comunicação, corpo e geografia**

Por que nos preocupamos tanto com os meios, com esse “meio de campo” entre o um e o outro? Porque há aí um abismo. Os abismos são vazios gigantescos e assustadores. Como temos horror ao vazio, tentamos preenchê-lo com tudo o que temos à mão: com gestos, com a voz, com os rastros (olfativos, visuais, auditivos ou táteis) [...] (BAITELLO, p. 60, 2012).

Corpo geográfico, corpo político, corpo econômico, corpo social, corpo religioso, corpo biológico, entre outros. Series de corpos em um único corpo, ou seja, temos imensidões de práticas socioculturais nessa fronteira e não fronteira midiática, o corpo, modificadoras do “meio de campo” “entre um e o outro”.

Essa ponte de comunicação entre um ser humano e outro caminha junto com vazios assustadores. Mas não são paralisantes de susto para alguns curiosos pesquisadores e artistas, para esses a aproximação com o abismo muitas vezes lembrado junto ao vazio, faz com que procurem respostas para inúmeros questionamentos que os incitam. E provavelmente, se identifiquem com as palavras de Baitello (p.60, 2012) “O abismo torna-se maior quando o preenchimento desse vazio esta em observar a “ponte

---

<sup>2</sup> Habitante do Estado de Ica.

entre um corpo e outro”. Os meios e o meio de campo entre eles são inquietações relacionadas a necessidade de comunicação seja por gestos, palavras ditas ou escritas, por telefone celulares, por uma vasta gama de meios existentes hoje para suprir o desejo de comunicar. Nessa lista de meios a dança tem espaço, como as outras artes, trás subsídios distintos ao comunicar.

E por mais aterrorizante e amedrontador que seja o abismo, o encontro com ele ao estudar comunicação e corpo é instável e instigador pelas respostas sem exatidão, que anda em direção a cada vez mais questões e, gera a viciosa pesquisa para os amantes dessa prática.

Deste modo, este trabalho persegue uma abismática escuridão na linha de pensamento de Agambem (2009, p. 62,61):

[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente.

Persegue os vazios pelo intento de imbricar comunicação, corpo, geografia e dança, áreas distintas, porém possíveis de diálogo. E uma das intenções principais desta escrita esta em destacar a geografia e a dança folclórica, *el festejo* da cidade de Ica- Peru com alguns contrastes da corporalidade e espacialidade contemporânea e não contemporânea.

Para isso, aclarar-se que não buscasse respostas e, sim tempo para observação e reflexão sobre o meio entre um universo corporal e outro, pela ótica das geografias da comunicação. Já que inicialmente a procura foi por resultados exatos e percentuais do quanto a geografia física afeta o corpo. Contudo, a corporalidade com seus “gestos, voz e rastros” (BAITELLO, p. 60, 2012), a comunicabilidade do cotidiano e, na arte da dança anula precisão de resultados e, estudos de somente uma área de conhecimento. A inocência em perguntar e adquirir respostas abala-se e, resta o preenchimento de buracos negros com escrita das percepções. Como diz Baetello (p. 60, 2012), “Há apenas lampejos de um fugaz preenchimento, pontes fugazes que nos levam até o outro, transpondo por breves relances o vazio do abismo”. Ainda assim, pensar nesse tema proposto torna-se valido para reflexão, fundamental preocupação.

De tal modo, trata-se da comunicabilidade que esta entrelaçada a um corpo dependente do espaço. E a dança intrinsecamente não autônoma da comunicação, do corpo e da geografia, além de tantas outras intervenções recebidas pela corporalidade

que podem ser acoplados ou simplesmente passar pelo corpo em forma de informações que compartilha com o ambiente por movimentos de entrada e saída (BAITELLO, p. 61, 2012) da “mídia primária”.

Pensa-se o corpo como espaço da casa e a casa como interventora intensa do corpo (BACHELARD, 1974), o corpo como território, espaço de fronteiras e não fronteiras, cheios de relevos, depressões, curvas, planícies e, outros ricos solos e atmosferas, clima entre outros ambientes que a corporeidade e a espacialidade compartilham. Porém, não se entrará de reflexões do corpo como território, mas sim, no comunicar entre geografia física e social, tecer diálogo entre esses dois espaços. Especificamente, no Estado de Ica, focando a cidade de Ica e localizada no país com uma das 7 maravilhas do mundo Machu Pichu – Peru ao não caminho pelo corpo indígena, para adentrar na mídia corporal do negro. Desta maneira, o corpo geográfico da cultura afro descendente peruana será colocada para obter um pouco de informações geográficas e históricas que movimentaram essa etnia. Como dito na justificativa introdutória uma das razões motivadoras para esse começo de pesquisa estão carregadas de hibridismo cultural entre duas espacialidades, o pré conceito e a não aceitação das origens africanas por alguns colegas na escola que estudou no Peru, com a vivência por meio da dança dos escravos apresentada e, o aprendizado da dança *del festejo* e apresentações dessa dança são um segmento muito presente nas experiências vividas pela investigadora.

As andanças dos pés da pesquisadora em constante trânsito leva-a voltar às raízes genéticas por vias dos pais. Pensar a trajetória e percursos de seus descendentes direciona a melhor percepção do próprio corpo, remetendo a:

Invisto num olhar sobre o corpo contemporâneo que, estrategicamente, explora o espaço. Falo de uma relação dinâmica que transpõe “novas/ outras” expressões discursivas quando se absorve a lógica corporal. Um ato que o coloca em trânsito. E parto dessa premissa para investigar as *Transcorporalidades* como quem observa mais o deslocamento do corpo, propriamente o objeto em si. Em fluxo constante, tais efeitos transcorporais (re) dimensionam marcas de atualização. Quando o corpo encontra o espaço, intensifica-se um grau de pertença, bem como ocorre uma tomada de decisão acerca da

relação com o espaço – um enlace. E, assim, uma janela sempre se abre para a vida inteira, como uma porta! (GARCIA, 2008, p. 21).

que encaminha a pensar no transitar dos demais corpos, ou seja, os locais por onde passam junto as transformações que de alguma forma afetam a corporalidade por meio da transitoriedade. O corpo modifica-se pela espacialidade e esta intervém no corpo. Nota-se de maneira mais real a palavra “transcorporalidades” nas alterações do espaço pelo corpo, ao olhar o trajeto e interesses econômicos dos europeus (em específico trata-se neste artigo dos espanhóis colonizadores do Peru), em apropriar-se de um novo território, na ambição de conseguir recursos naturais com possibilidades de tornar essas riquezas produtos para mercado comercial. Para esse plano mercantil tornou-se primordial para os conquistadores escravizar parte dos negros africanos, obrigatoriamente retirá-los do seu local habitual. Ocasinou por meio disso, deslocamento espacial, cultural, econômico e político, unidos de opressão e despersonalização como mostra a citação abaixo do pensador Bhabha (1998, p 72-73):

Eu tinha de olhar o homem branco nos olhos. Um peso desconhecido me oprimia. No mundo branco o homem de cor encontra dificuldades no desenvolvimento de seu esquema corporal... Eu era atacado por tantãs, canibalismo, deficiência intelectual, fetichismo, deficiências raciais... Transporte-me para bem longe de minha própria presença. O que mais me restava senão uma amputação, uma excisão, uma hemorragia que me manchava todo o corpo de sangue negro?

Estampou-se esse sentir na face midiática dos negros africanos entorno do mundo todo e mais diretamente com o trabalho proposto no Peru e, mais tarde os filhos de negros africanos nascidos já como peruanos se identificaram com as palavras citadas a cima, contudo há necessidade de cuidado para não pender para imagem somente de vítima da cultura afro, apesar da rejeição e preconceitos existentes ainda hoje, resultado da política do espaço lucrativo e exploratório que muda o percurso geográfico, histórico e cultural.

A não aceitação errônea pela cultura negra existe e, é reforça pela imagem estereotipada. E acarretou em despersonalização, no caso do negro peruano em “desaparicion” expressão usada para ausência de negros, ou seja, essa não presença se deu pela história da própria cultura de escravidão, em decorrência não admitiam que eram negros. Segundo Feldman

[...] el resultados de cambios en la propia categorización racial de dicha población que se identificó, como criolla, con una cultura costeña predominante blanca .Para el siglo XX, muchos negros

peruanos demostraron poco sentido de pertenencia a una diáspora africana. De hecho, Raúl R. Romero propone que los negros, sin una identidad colectiva o tradiciones claramente establecidas, no constituyeron un grupo étnico. Quizás por esta razón, las tradiciones musicales provenientes del África también “desaparecieron” de la memoria colectiva nacional y solo fueron conservadas por unas pocas familias en la privacidad de sus hogares o comunidades (FELDMAN, 2009, p.4).

Além das tantas mortes causadas pela exploração da mão de obra negra e pelo serviço militar (FELDMAN, 2009). A etnia recusada se descorporifica, o espaço do corpo nesse contexto é praticamente anulado. Claras nas palavras da citação a cima: “Um peso desconhecido me oprimia.” e na outra frase “transportei-me para bem longe de minha própria presença”. O capital move o mundo e, o corpo tornou-se mero instrumento destas mentes apaixonadas pela obtenção de bens matérias. Assim, confirma-se mediante o pensamento do geógrafo Milton Santos a movimentação e imbricação do corpo e do espaço:

Numa primeira hipótese de trabalho, dissemos que a geografia poderia ser construída a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos. Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam (SANTOS, 1982, p. 53).

Com isso, a mudança realizada pelo corpo dos espanhóis no espaço de Ica-Peru deu-se pelo costume de beber vinho unido a sede por lucro, explorou a mão de obra negra africana que logo deu origem ao povo afro peruano. O plantio de uva modificou o local e, possivelmente afetadora da movimentação da dança dos negros no Peru. Em 1630 em *Villa de Valverde del Valle de Ica* contava com 200 espanhóis e 9 mil negros escravizados nas lavouras (CORONADO, 2003, p. 52). As plantações acarretaram com os anos o aumento na atividade agrícola focado na plantação de algodão, de guano e de uva, atrativa para os fazendeiros e comerciantes que visaram a exportação. E intensificaram a produção de vinhos, aguardentes e, o conhecido *pisco* peruano que foi de grande importância no fortalecimento e união da cultura negra na região, pois a produção de pisco dependia especificamente da mão-de-obra negra já que ocorreram muitas mortes dos indígenas por doenças trazidas por espanhóis e africanos. E pelos

aspectos físicos da geografia de Ica, região litorânea que abrange principalmente a região costeira, constituído por deserto, vales e, oásis com clima subdesértico. Marcadas por duas estações bem definidas, verão e inverno, chuvas escassas normalmente inferiores a 15mm por ano, em ambas as estações e, leva a ausência de umidade atmosférica; altitude elevada (CORONADO, 2003). Seja no espaço do corpo afetado pela localidade física do habitante negro, seco pelo sol ardente, a areia áspera do deserto e o trabalho árduo dos escravos e, pelos movimentos do homem no espaço as duas interferências denotam transformações:

“Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva as criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma” (SANTOS, 1997, p. 52).

Pós a abolição dos escravos negros em território peruano, muitas mortes ocorreram causada pela falta de trabalho, comida e dinheiro e, os sobreviventes embranqueceram segundo as estatísticas (FELDEMAN, 2009). Esse termo foi usado pela negação do corpo negro, ou seja, os próprios afrodescendentes não se consideravam negros nas pesquisas do *Instituto Inei del Perú*. E houve uma aglomeração em Chincha mais distantes da capital do Peru, Lima.

Os tópicos geográficos e mapas auxiliam didaticamente para observar mais diretamente algumas (poucos dados observados neste início de pesquisa) interferências do local na movimentação cotidiana e na dança folclórica peruana, *el festejo*. Porém sabe-se que as duas geografias física e humana estão imbricadas. O mapa físico a seguir para melhor localização do estado de Ica no Peru.



Fonte: <http://atlasdelperu.pe/ica/perfil-fisico-12/>. Acessado em 01 de julho de 2015

#### 4. El festejo

A geografia e história de Ica-Peru são observados para perceber as contaminações sofridas pelo corpo afro peruano na época em que a começou a plantação. A uva foi destacada pela familiaridade que muitos negros africanos já tinham em território espanhol pelo trabalho escravo feito nesse país e, por todo o contexto geográfico e histórico *el festejo* nasceu nas lavouras. Nos momentos de carregar caixas com uvas batucavam e cantarolavam. Por essas razões foi escolhido o período colonial. Porém, não se tem quase registros da dança original, existem raras fotos e pinturas, a dança afro foi passada de pai para filho e, conservada por poucas famílias afrodescendentes porque não tinham orgulho das raízes pela discriminação sofrida e, resultou no quase desaparecimento da cultura afro e, *el festejo*. Abaixo uma das raríssimas imagens mais antiga, não tão clara dos negros dançando festejo.



Fonte: <http://andres-corleone.blogspot.com.br/>. Acessado em 1 de julho de 2015

Entretanto, no início da década de 1950 reavivou-se diversos movimentos sociais e culturais, como: os movimentos internacionais dos direitos dos negros, diversos artistas da música afro-peruana, da dança africana e afro americana passaram a divulgar a cultura negra. Com toda essa movimentação social, política e cultural acontecendo no início do século XIX, não demorou muito para surgir uma abundante criação intelectual, influenciada pelo fundador do APRA<sup>3</sup>, Vitor Raul Haya dela Torre y José Carlos Mariátegui, criador do pensamento socialista peruano. Vitor Haya trouxe ideias de enfoque político para o Peru e de caráter esquerdista influenciando fortemente nos direitos humanos reavivando a identidade e direitos dos negros peruanos.

Desta maneira, a sede pela reafirmação da cultura afro tomou proporções consideráveis e, como consequência inúmeros artistas aos poucos se destacaram e, são: Jose Durand, Pancho Fierro, Victoria Santa Cruz, Nicomedes Santa Cruz, e o Grupo Peru Negro. Artista que renasceram junto ao festejo e toda a cultura afro. Mas que são mostras das modificações do espaço e tempo.



Fonte: <http://caobac.blogspot.com.br/2009/11/historia-del-vals-su-negro-pasado.html>. Acessado em 1 de julho de 2015

<sup>3</sup> Aliança Popular Revolucionária Americana

Atualmente, a dança folclórica estudada neste artigo é estilizada, contaminou-se da cultura afrocubana principalmente. E conhecida e reconhecida com o Grupo Peru Negro conseguiu entrelaçar estéticas, história, memória e agradar peruanos e turistas estrangeiros (FELDMAN, 2009). A movimentação *del festejo* é composto por qualidades do movimento flexíveis, firmes, diretas, fortes e ritmada (LABAN, 1978). Exigem bastante das articulações das pelves, cintura escapular e pés. Com o peso bastante presente e direcionado para o solo (membros inferiores do corpo).



Fonte: <http://www.generacion.com/usuarios/3830/especial-peru-negro>. Acessado em 1 de julho de 2015

A forma com a qual o movimentar do corpo negro peruano cotidiano desenha no espaço são informações que entram em contato com o corpo contaminando-o (BAITELLO, 2014). Contaminadas pelas estratégias políticas e econômicas dos fazendeiros espanhóis e a escolha geográfica, interliga-se com seus interesses que morou nas saudades dos vinhos europeus e no lucro com a exportação de pisco supervalorizado no mercado de bebidas alcoólicas até a atualidade.

A geografia física de Ica com seu clima propício para o plantio de uvas entre outros e, o interesse dos colonizadores pela fisicalidade do local movimentou a espacialidade (lucro, dinheiro, mão de obra, negra africana principalmente) e, causou trânsito das culturas africana, espanhola e indígena no Peru. Isto demonstra as transformações (SANTOS, 1997) pelas contaminações movidas inúmeras vezes pela conquista de território e exploração desta. Os lugares (bairros, cidades, países e continentes) preservam suas características em relação à superfície terrestre e tudo o que envolve o ambiente. Essas transitoriedades resulta nos entrelugares (BHABHA, 1998), ou seja, o ser humano não se senta, ele cai no buraco negro abismático, sempre correndo atrás do novo e, com isso seu corpo e espaço.

## 5. Considerações iniciais

Escrever este artigo permeia a escuridão e necessidade de observação da expressividade humana. Foca-se na mídia primária (BAITELLO, p.61, 2012) com seus gestos e movimentos corriqueiros levados para a dança. Com origem e raízes, mas por mais cômodas ou enraizadas as origens e vivências corporais há transito de informações. A corporalidade obscura do peruano afrodescendente pela brusca retirada de seu território caminha para o desconhecido pela sua cultura, mas próximo a fisicalidade da geografia de seu país, explorados com sua mão de obra, fortes, alegres e guerreiros, sobreviventes e, trouxe ao abismo da escravidão, *al festejo* que transformou o espaço da dança folclórica peruana (SANTOS, 1997).

Contudo para fazer um paralelo com o assunto do artigo, a escrita de Peixoto (2007, p. 439-40) descreve o espaço urbano da seguinte maneira e, casa com a lógica do assunto abordado:

Nas cidades, os olhos não vêem coisas, mas figuras de coisas significam outras coisas. Ícones, estátuas, tudo é símbolo. Signos urbanos, como as placas, letreiros, anúncios...Na natureza, a paisagem é muda, árvores e pedras são apenas aquilo que são. Aqui, porém, tudo é linguagem, tudo se presta de imediato à descrição, ao mapeamento da cidade. O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz como se deve vê-la. Como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que conta e o que esconde, parece impossível saber.

Se substituirmos a palavra cidade por corpo, a frase fica deste modo: “Nos corpos, os olhos não veem coisas, mas figuras de coisas significam outras coisas. Ícones, estátuas, tudo é símbolo [...] tudo é linguagem, tudo se presta de imediato a descrição, ao mapeamento no corpo”. Ou seja, tudo comunica nesse espaço que é o corpo, sem resultados exatos porque demonstra ícones e símbolos pela imagem corpórea, algo difícil de interpretar, mas a maioria da sociedade nos diferentes continentes do planeta se preocupa.

Para tanto, os gestos são inenarráveis (PEIXOTO, 2007), envolve uma narração instável ao se tratar do sujeito e a comunicabilidade. A geografia como protagonista é uma tentativa de pensar algumas interferências na corporalidade, contudo sabe-se o abismo gigantesco enquanto a comunicação, corpo, geografia e dança porque involucra

as andanças do homo sapiens. E são ainda mais complexas ao refletir na frase de Agambem (2009, p. 62) “A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distância”. Esse distanciamento torna-se difícil pelos estereótipos criados pela sociedade em relação ao negro. E ainda mais pela identidade do território peruano, como país de indígenas. Portanto, a intenção de distanciar o olhar e observar de fato Ica se dará na pesquisa de campo futuramente, no intento de olhar para o escuro, para o invisível distante dos misticismo midiáticos. Será um trabalho árduo já que a própria cultura afro cria cenários para sua cultura pelo fato de Ica ser um estado turístico. Lembrando que este artigo foi tentar refletir e imbricar Comunicação, corpo, geografia e dança afro peruana com base nas pesquisas iniciais do mestrado.

### Referências

- AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Arcos, 2009.
- BACHELARD, Bergson. **Os pensadores**. São Paulo: Abril, 1974.
- BAITELLO, Norval Junior. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2014.
- \_\_\_\_\_. **O pensamento sentado: Sobre glúteos, cadeiras e imagens**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2012.
- \_\_\_\_\_. **O tempo lento e o espaço nulo: mídia primária, secundária e terciária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/viewdownload/7-baitello-junior-norval/10-o-tempo-lento-e-o-espaco-nulo-midia-primaria-secundaria-e-terciaria.html>. Acessado: em 01 de julho de 2015.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CORONADO, Muñoz Martha. **Atlas regional del Perú**. Lima: Peisa, 2003.
- FELDMAN, Carolyn Heidi. **Ritmos negros del Perú**. Lima: PUC del Perú e IEP del Perú, 2009.
- GARCIA, Wilton. **Corpo & espaço: estudos contemporâneos**. São Paulo: Factash, 2008.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. **Ver o invisível: a ética das imagens**. In: NOVAES, Adalto (org). **Ética: Vários autores**: São Paulo. Cia das Letras, 2007.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1997.

